

A CONSTITUIÇÃO DA LOUCURA ATRAVÉS DO DISCURSO RELIGIOSO EM “UMA HISTÓRIA DE FAMÍLIA”, DE SILVIANO SANTIAGO

Elaine da Silva Reis

Universidade Federa da Paraíba - elainereis1406@gmail.com

Resumo: Na perspectiva da Análise do Discurso de linha francesa (AD), os discursos se materializam em diferentes gêneros discursivos situados em determinadas práticas sociais e em domínios específicos. Sendo assim, o discurso literário se estabelece como uma fonte legitimadora de uma multiplicidade de discursos que precisa ser lida como um produto sócio-histórico-ideológico que se concretiza com a história e com a memória. Partindo da ideia de que o romance se configura como um laboratório da sociedade, o presente estudo tomou esse gênero como objeto de investigação, buscando compreender, através de conceitos foucaultianos, como se dá a constituição da loucura, por meio do discurso religioso no romance “Uma história de família”, de Silviano Santiago. Para tanto, a partir da análise de três recortes do referido romance e três sequências discursivas de cada um deles, elencou-se como objetivo identificar e analisar as marcas linguísticas denunciadoras do “lugar” outorgado a loucura pelo discurso religioso nessa obra literária. Chegando às considerações finais, percebeu-se que, alicerçado no discurso religioso, a sociedade representada no romance, encontrava subsídios para ratificar a segregação da loucura, buscando controlar os sujeitos em nome de uma moral que a todo tempo é desconstruída pelo narrador-personagem que se vale do próprio discurso religioso para desconstruir a imagem idealizada de família e estigmatizada do que seria a loucura. Além disso, viu-se que a loucura é constituída como uma doença da alma, como uma decorrência pecaminosa da família que, por castigo divino, é obrigada a conviver com esse tipo de mal que assola a sociedade.

Palavras-chave: Romance. Discurso religioso. Loucura.

1 INTRODUÇÃO

A estética romântica tornou o conjunto de textos literários como algo compacto, fechado em si mesmo, de forma que o estudo das obras literárias ficou, durante muito tempo, reservado à estilística. Posteriormente, foi possível “olhar” para esse objeto a partir de diferentes enfoques e perspectivas teóricas. Assim, de acordo com a Análise do Discurso de linha francesa (AD), esses textos são concebidos como fontes propagadoras de discursos que precisam ser lidos como um produto sócio-histórico-ideológico que se concretiza com a história e com a memória, “lugar de tensão entre possibilidade/impossibilidade de dar vida a um desaparecido (CERTEAU, 1987 *apud* TEIXEIRA, 2005, p.181)

Concebendo tanto a língua quanto o texto a partir de sua incompletude constitutiva, a AD traz a ideia de que a linguagem não é concebida como origem dos sentidos, nem tan pouco é um depósito de verdades exteriores a ela própria. Logo, Os sentidos de um texto não estão pré-estabelecidos, mas se constroem na essência de determinadas condições de produção, na relação entre o interdiscurso (memória discursiva) e o intradiscurso (fio discursivo). Sendo assim, o presente trabalho parte da ideia de que:

a língua e seus mecanismos enunciativos existem de um modo muito particular no texto literário, principalmente por seu viés de ficcionalidade, de fingimento do real a que pretende o literário, no entanto, mesmo nessa dimensão de representação, não há uma grande separação entre o material linguístico da literatura e a realização linguístico-enunciativo dos sujeitos sociais (DANTAS, 2011, p.44).

Por isso, tomando particularmente, o romance como objeto de investigação, este estudo busca compreender como se dá a constituição da loucura, através do discurso religioso no romance “Uma história de família”, de Silviano Santiago. Para tanto, a partir da análise de três recortes do referido romance e três sequências discursivas de cada um deles, tem-se como objetivo identificar e analisar as marcas linguísticas denunciadoras do “lugar” outorgado a loucura pelo discurso religioso nessa obra literária. Logo, este trabalho traz, além deste ponto introdutório, algumas considerações sobre “a produção de sentido na AD”, um breve histórico sobre “a loucura”, na perspectiva de Foucault, o resumo e a análise das sequências discursivas do romance “Uma história de família” e as considerações finais.

2 A PRODUÇÃO DE SENTIDOS NA AD

A Análise do Discurso de linha francesa (AD) surgiu na França, por volta do final dos anos de 1960, rompendo tanto os limites da dicotomia clássica saussuriana *langue/parole* quanto à análise linguística do texto, que o concebia como um objeto fechado nele mesmo. Fundada por Michel Pêcheux, essa teoria se constitui como uma prática política de leitura que busca ler o texto em sua discursividade, em sua filiação com o real e a história, relacionando-o a sua exterioridade que se constitui, segundo Pêcheux (1997, p. 258), “um ‘exterior’, bem diferente, que é o conjunto dos efeitos, na ‘esfera da ideologia’, da luta de classes sob suas diversas formas: econômicas, políticas e ideológicas”.

Nessa perspectiva, a língua deixa de ser vista como mera representação do pensamento ou origem de todos os significados, para ser concebida como um instrumento de conflito, de confronto ideológico, como um espaço no qual se produzem formas de representação, ideias e

valores de uma sociedade. Para Pêcheux (1997), o sentido se institui no lugar de encontro do sujeito, da língua e da história, a partir de uma incompletude constitutiva que converge para o impossível do dizer.

Desse modo, a AD leva em consideração que os sentidos serão sempre mediados pelas condições de produção do texto, tendo em vista que, segundo essa teoria, os sentidos de um texto não estão pré-estabelecidos, mas se constroem na essência de determinadas condições de produção, na relação entre o interdiscurso (memória discursiva) e o intradiscurso (fio discursivo).

De acordo com Orlandi (2007, p.204), o texto é um “lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade” e, conseqüentemente, a tarefa do analista é compreender como o texto se organiza para produzir sentidos, levando em consideração que “o enunciado emerge em uma rede de relações associativas implícitas [...] funcionando sob diferentes registros discursivos, e com estabilidade lógica variável” (PÊCHEUX, 1997, p.23). Sendo assim, enquanto materialidade discursiva, o enunciado está relacionado às condições de produção, às formações ideológicas e aos gêneros do discurso.

Conforme aponta Robin (1977), as condições de produção não devem ser entendidas como o simples contexto imediato do discurso, mas como o quadro institucional e o aparelho ideológico no qual o texto se inscreve, as representações que a ele subjazem, a conjuntura política, as relações de poder etc. Para Robin (1977, p.26), “o discurso só é discurso em relação ao que o condiciona, que convém encará-lo em termo de processo e não estaticamente como enunciado, que o discurso só é discurso quando se refere às suas condições de produção”.

Sendo assim, na perspectiva discursiva, o texto é visto como um processo produtor de vários sentidos e diferentes (não quaisquer) leituras que se relacionam dialógica e interdiscursivamente com outros textos filiados à memória.

3 A LOUCURA NA PERSPECTIVA DE FOUCAULT

Foucault (1999, p.180) afirma que, por meio do “discurso verdadeiro”, “somos julgados, condenados, classificados, obrigados a desempenhar tarefas e destinados a um certo modo de viver ou morrer” . Esse tipo de discurso traz em si efeitos específicos de poder que estão inevitavelmente relacionadas à instância do saber. Saberes como o médico, o literário, o religioso que se manifestam, primordialmente, por meio das relações de comunicação, pela

produção discursiva, delegando a autoridade do “discurso verdadeiro”. Segundo esse filósofo, o poder é exercido por diferentes camadas sociais, em qualquer tempo e espaço, transitando entre os sujeitos, sobretudo, por meio da produção discursiva.

São essas relações de poder, associadas aos “jogos de verdade”, que constituem os indivíduos em sujeitos, determinando o modo do indivíduo se comportar para tornar-se “sujeito moral”. Para tanto, os “jogos de verdade” recorrem às histórias das moralidades difundidas socialmente a fim de consolidar seus discursos. A moral, segundo Foucault (2004), comporta, no sentido amplo, dois aspectos que, mesmo estando associados, podem se desenvolver com certa autonomia, a saber: o dos códigos do comportamento e o das formas de subjetivação.

O primeiro aspecto está relacionado às regras, aos comportamentos, às leis que devem ser aprendidas, é o código moral imposto numa comunidade. As instâncias de autoridade que defendem esse código impõem sua aprendizagem, sua obediência ao código. O segundo aspecto da moral diz respeito à consciência de si, à relação consigo próprio, à decifração de si por si, ao exame de si, para as transformações que buscam operar em si mesmo. A ação moral relaciona-se ao código, às regras, ao que está exterior ao indivíduo, ao próprio indivíduo em sua relação consigo mesmo, ao conhecimento de si. Com isso, vê-se que estes dois aspectos são indissociáveis na constituição do sujeito moral. Nesse sentido, Foucault (2004) afirma que, apenas conhecendo a si, o sujeito poderá “vencer as tentações” e seguir os códigos, tornando-se um sujeito moral. Nas palavras do autor,

a ‘moral’ dos códigos de comportamentos, código moral, de caráter prescritivo, diz respeito a conjunto de valores e de regras de conduta que são propostas aos indivíduos (...) por meio de diversos aparelhos prescritivos, como podem ser a família, as instituições educativas, as igrejas (FOUCAULT, 2004, p. 211).

A moral das formas de subjetivação diz respeito ao comportamento real dos indivíduos em sua relação com as regras e valores que lhes são propostos, à forma como os indivíduos reagem ao “código moral”.

Foucault (1999) afirma que todas as sociedades são permeadas por mecanismos internos, externos e de rarefação que visam controlar os discursos. Para compreender o processo de mudanças constantes que permearam o conceito de “loucura” no decorrer da história, de acordo com as postulações desse filósofo, faz-se necessário focalizar os mecanismos externos, a saber: a Interdição (a palavra proibida); a Exclusão (a segregação da loucura); o silenciamento e a Vontade de verdade: a construção de uma verdade.

Ao longo dos tempos, a loucura se enquadrou perfeitamente nesses mecanismos externos de controle do discurso apresentados por Foucault, tendo em vista que sob a égide de determinadas vontades de verdades provenientes das relações saber-poder, sobretudo, das esferas médicas e jurídicas, o discurso da loucura foi interditado e, principalmente, excluído da sociedade. A ciência transformou a loucura em um acidente patológico. O homem da loucura passou a ser visto e compreendido através de uma razão igualmente abstrata.

Após destacar que até o final do século XVII a loucura e a razão ainda não estavam separadas, Foucault analisou que durante um longo período da história, “a loucura estivera ligada ao mal, mas sob a forma de transcendências imaginárias: doravante ela se comunica com ele pelas vias mais secretas das escolhas individuais e das não intenções” (FOUCAULT, 2005, p.137). Feitas essas considerações que apontam “vontades de verdades” em torno do conceito de loucura, o filósofo chegou à conclusão de que:

a loucura não passa de um movimento vivo na unidade racional da alma e do corpo; é o nível do desatino; mas esse movimento logo escapa à razão da mecânica e, em suas violências, em seus estupores, em suas propagações insensatas, torna-se um movimento irracional; é então que, escapando ao peso da verdade e a suas coações liberta-se o irreal”(FOUCAULT, 2005, p.222).

Essa forma de conceber a loucura provoca uma ruptura na forma clássica de vê-la como, em geral, “experimentada em tudo aquilo que pode ter de negativo: desordem, decomposição do pensamento, erro, ilusão, não-razão e não-verdade’ (FOUCAULT, 2005, p. 252), tendo em vista que, mesmo com o advento da modernidade e, com ela a redução dos internatos, os loucos continuavam mantidos enclausurados em seus próprios lares. Isso se dava, principalmente, em nome da conservação dos bons costumes e da moral, que era ameaçada pelo comportamento gerado pela loucura, conforme se passará a analisar, a seguir, no romance, objeto de investigação deste estudo.

4 METODOLOGIA

Quanto à natureza dos dados e procedimentos de análise, o presente estudo pode ser inserido no paradigma qualitativo da ciência, tendo em vista que lida com “uma família interligada e complexa de termos, conceitos e suposições” (DENZIN; LINCOLN, 2006, p. 16), por levar em consideração o sujeito, a complexidade, a instabilidade e a intersubjetividade que permeiam o fenômeno a ser investigado. Além disso, “explora as

características dos indivíduos e cenários que não podem ser descritos numericamente” (MOREIRA E CALEFFE, 2008, p. 73).

Segundo os objetivos, essa pesquisa é do tipo descritivo-interpretativa, pois busca “descrever uma situação social circunscrita” (DESLAURIERS, 2008, p. 130), a saber: a prática social de leitura de textos nos quais se materializam discursos que marcam a loucura. Além disso, analisa essa prática, buscando explicar os seus significados à luz da Análise de Discurso de linha francesa (AD).

Em relação às fontes de informação e coleta dos dados, o presente estudo é classificado como documental, a partir da concepção de documento como “uma informação organizada sistematicamente, comunicada de diferentes maneiras (oral, escrita, visual ou gestualmente) e registrada em material durável” (GONÇALVES, 2003, p. 32). Nesse sentido, toma como objeto de análise de um romance contemporâneo.

A observação dos dados desta pesquisa foi norteada pelos estudos da Análise do Discurso de linha francesa (AD) e por conceitos foucaultianos. A AD serviu como ponto de partida para investigar o objeto, já que possibilitou olhar para o texto, no caso, o romance, a partir de sua filiação com a história, com a ideologia, buscando analisar a produção dos sentidos não apenas a partir da materialidade linguística, mas através de sua relação com a exterioridade. Os conceitos foucaultianos permitiram estabelecer categorias de análise frente à leitura realizada.

5 A LOUCURA PELO VIÉS RELIGIOSO EM “UMA HISTÓRIA DE FAMÍLIA”

Após destacar que para Bakhtin, o romance é a conceitualização mais acurada da experiência humana já desenvolvida, Morson opina que esse gênero é, de fato, o mais dialógico dos gêneros, argumentando que:

mais que qualquer competidor, ele trata a personagem, a sociedade e o conhecimento como não-finalizáveis; está mais próximo dos valores prosaicos, de uma apreciação de forças centrífugas e de uma percepção da bagunça essencial do mundo”(MORSON, 2008, p.320);

A análise do romance permite a visualização de produção de vários discursos que são disseminados ao longo da história, por isso há quem considere, sabiamente, que esse gênero é

uma espécie de laboratório da sociedade. Antes, porém de passar para os recortes e proceder à análise das sequências discursivas, será apresentado, a baixo, o resumo do romance:

UMA HISTÓRIA DE FAMÍLIA, DE SILVIANO SANTIAGO

Enfermo, um homem dialoga imaginariamente com um tio Mário já morto, buscando o sentido de suas relações familiares, através da reconstituição da memória sobre esse tio que, por ser louco, se constituía como uma vergonha para uma família de imigrantes italianos radicados no interior de Minas Gerais. Sendo assim, todos queriam a morte desse louco, especialmente, sua própria mãe.

No decorrer desse diálogo, o homem relata ao tio Mário alguns fatos ocorridos em sua família, como a morte da irmã mais velha de Mário, mãe do narrador, buscando evidenciar que a todo o momento a família almejava a efetivação de sua morte.

Após relatar seu empenho para investigar a morte do tio Mário, o homem faz menção a uma carta enviada por um médico da cidade onde sua família morava, revelando que a mãe do louco, sua avó, além de ter mandado seu amante matar seu marido, havia também encomendado a morte de seu filho louco. A narrativa é concluída com a descrição de uma mulher preparando um angu, como uma representação dos conflitos familiares retratados na narrativa.

RECORTES DO ROMANCE E ANÁLISE DAS SEQUÊNCIAS DISCURSIVAS

RECORTE 1

“Todos querem a sua morte já, por decreto divino – para o seu bem, no seu lugar. Decidiram aqui na terra, decidido está lá em cima. A vontade nossa dos homens impera, chegou a hora [...] você sempre não passou de um cadáver adiado [...] Querem ver você finalmente desaparecer por debaixo das pazadas de terra lançadas pelo coveiro, desaparecer protegido pela vontade de cada um e de todos, irmanados em Adão e Eva, Por todos os santos, amém, ungidos pela misericórdia divina recitada pelo padre que a todos contempla encomendando o corpo e benze e perdoa em Cristo crucificado” (SANTIAGO, 1992, p.7-8)

Desse primeiro recorte, a análise se aterá as seguintes Sequências discursivas:

Sd 1 Todos querem a sua morte já, por decreto divino.

Sd 2 Decidiram aqui na terra, decidido está lá em cima.

Sd 3 Irmanados em Adão e Eva, Por todos os santos, amém, ungidos pela misericórdia divina recitada pelo padre que a todos contempla encomendando o corpo e benze e perdoa em Cristo crucificado.

Ao analisarmos a Sd 1, é possível observar que a “morte” do louco, a abolição da loucura, era algo esperado, sob a justificativa da vontade de Deus, por toda a comunidade representada no romance, já que se tem o sujeito da oração sendo marcado pelo uso do pronome indefinido “Todos”.

Dando sequenciamento a essa ideia, encontra-se na Sd 2 a conjugação de verbo decidir, na terceira pessoa do plural “decidiram”, indicando que muitas/todas as pessoas que conviviam com o louco/ a loucura estavam “carecendo” o fim da loucura e, por isso, os “céus” diriam “amém”. Isso porque recupera-se pela memória discursiva que, de acordo com o discurso bíblico, “o que os homens ligarem na terra será ligado no céu”. Deus não ia deixar de atender a um “pedido”, na verdade uma ordem, de “todas” as criaturas são daquela comunidade.

Na Sd 3, vê-se que o discurso religioso é trazido a partir da imagem do primeiro sacal criado por Deus, Adão e Eva, como uma forma de ratificar a ideia de que a exclusão da loucura não era algo requerido apenas na terra, pois todos os santos, inclusive, os primeiros seres criados à imagem e semelhança de Deus estavam “apoiando” os homens. Por isso, o padre, representante de Deus na terra, não teria problema para benzer e o corpo do louco e “perdoar” seus pecados. Daí recorre a o que fora indicado por Foucault sobre o fato de a loucura estar associada ao mal, ao pecado, logo a necessidade do louco necessitar do perdão do padre.

RECORTE 2

Você fita os olhos na sua mãe ladeada à esquerda pelo imenso rosário que circunda o quadro que estampa a imagem do coração ardente e amante de Cristo [...] estava cercado pelas imagens tristes e fúnebres das duas mulheres exigindo a imediata e definitiva justiça divina [...] Ei-lo, Deus todo – poderoso, eis o corpo do nosso defunto filho querido. Tomai-o em vossos braços. Livrai-nos dele na terra, assim como nos livrastes de todos os males, amém [...] porque a sua morte, tio Mário, para eles era necessária e, na necessidade, ninguém comete uma ação má (SANTIAGO, 1992, p.19-25).

Sd 4 Sua mãe ladeada à esquerda pelo imenso rosário que circunda o quadro que estampa a imagem do coração ardente e amante de Cristo

Sd 5 Duas mulheres exigindo a imediata e definitiva justiça divina: Livrai-nos dele na terra, assim como nos livrastes de todos os males, amém

Sd 6 Na necessidade, ninguém comete uma ação má.

Tomando essas três sequências discursivas, Vê-se que a Sd 4 traz a imagem da mãe do louco, intrinsecamente, ligada a religiosidade, à devoção católica, representada pelos símbolos do rosário e do coração de Cristo. Essa imagem tem um significado muito importante para a construção da narrativa, já que o decorrer do romance mostrará que essa mulher religiosa fora sempre a conspiradora dos assassinatos familiares como o do marido e o do próprio filho louco. A Sd 5 dá continuidade a essa imagem da mãe, enfatizando que para ela, a loucura era na verdade comparada com os males da humanidade, por isso a mesma faz menção a oração ensinada pelo próprio Cristo, o pai nosso, para que Deus a “livrasse” daquele mal terrível que assolava sua família.

Assim, aparecendo ao longo de toda a narrativa como um alguém que almejava, mais do que todos, a exclusão da loucura, as sequências discursivas capturadas a partir da fala da mãe apontam para a constituição de um sujeito desejante em relação à morte do louco, mostrando que “o sujeito humano está indelevelmente marcado pela relação com o outro” (TEIXEIRA, 2005, p.78). Esse desejo de morte é justificado, o tempo todo, como algo que não destoia das “normas divinas”, por se tratar de algo que é necessário, que é o melhor para a humanidade, conforme se pode observar exemplificado na Sd 6.

RECORTE 3

A presença salvadora do padre no confessorário não os proíbe de cometer certos atos e os impede de refletir sobre os próprios atos cometidos de forma leviana [...] Ela jogava na cara dele o desejo crescente de uma família saudável, harmoniosa e perfeita em que a vontade dela (a que se subordinava a vontade de Deus) reinaria absoluta na busca infinita de um modelo ideal que tornaria o pequeno e desgarrado grupo igual aos outros (SANTIAGO, 1992, p.89-102).

Sd 7 A presença salvadora do padre no confessorário não os proíbe de cometer certos atos.

Sd 8 Ela jogava na cara dele o desejo crescente de uma família saudável, harmoniosa e perfeita.

Sd 9 A vontade dela (a que se subordinava a vontade de Deus) reinaria absoluta na busca infinita de um modelo ideal que tornaria o pequeno e desgarrado grupo igual aos outros.

Conforme se pode observar, a Sd 7 já traz uma desconstrução da imagem idealizada da mãe que, usando o próprio lugar de devoção e expressão da religiosidade, comete levianos, mantém relações sexuais com seu amante. Ou seja, aquela que passou a “vida” inteira

“lutando” pela preservação da moral e dos bons costumes religiosos estava agora sendo, através da narrativa, sendo desmascarada.

As Sd 7 e Sd 8 se relacionam para mostrar que o tempo todo a mãe, sujeito desejante, buscou um modo de ser aceita na sociedade (tendo em vista que era estrangeira), de tornar-se um sujeito moral, através da apresentação de uma família saudável e perfeita. Logo, precisou matar seu marido, pois sabendo que se o traía, compreendia que o adultério, além de ferir os bons costumes cristãos não seria sinônimo de moral perante a sociedade.

Ainda em nome dessa moral, a mesma buscava, incessantemente, matar seu filho louco. Enquanto não conseguia realizar esse desejo, reservava para o mesmo, conforme aponta a narrativa, o quintal, o lugar da segregação, do destoamento, como uma forma de se livrar daquilo que não era aceito socialmente. Ela buscava a perfeição, um modelo familiar ideal a ser exibido e aceito pelas pessoas, algo que não combinava com a loucura, sinônimo do que era mal, tortuoso, falho, pecaminoso.

Por fim, a Sd 8 essa desejo da morte do louco que pairava no coração dessa mulher estava crescendo em conformidade com a vontade de Deus, que se agrada da moral, das coisas perfeitas, da preservação dos bons costumes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebeu-se que, alicerçado no discurso religioso, a sociedade representada no romance encontrava subsídios para ratificar a segregação da loucura, buscando controlar os sujeitos em nome de uma moral que a todo tempo é desconstruída pelo narrador-personagem que se vale do próprio discurso religioso para desconstruir a imagem idealizada de família e estigmatizada do que seria a loucura.

Através das análises, foi possível identificar no romance algumas marcas linguísticas que apontavam a loucura como algo rejeitado por todos, inclusive, pelos “céus”, representado na figura de Deus. Além disso, é negado ao louco o direito da fala. Em todo o decorrer da narrativa, o louco é falado pelos que estavam à sua volta.

Por fim, viu-se que, respaldada no discurso religioso, a loucura é constituída como uma doença da alma, como uma decorrência pecaminosa da família que, por castigo divino, é obrigada a conviver com esse tipo de mal que assola a sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DANTAS, A.M. *Linguística e literatura: um estudo, vários caminhos*. Campina Grande: Bagagem, 2011.
- DENZIN, N; LINCOLN, Y. *O planejamento da Pesquisa Qualitativa: teorias e abordagens*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- DESLAURIERS, J; KÉRISIT. O delineamento de pesquisa qualitativa. In: POUPART et al. *A pesquisa qualitativa*. Rio de Janeiro: Vozes, 2008, p.127-151.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. 17.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- _____. *História da loucura: na Idade Clássica*. 8.ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- GONÇALVES, E. P. *Iniciação á pesquisa científica*. Campinas, SP: Editora alínea, 2003.
- MOREIRA, H; CALEFFE, L.G. *Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador*. 2 ed. Rio de Janeiro: lamparina, 2008.
- ORLANDI, E.P. *O trabalho da interpretação*. 2.ed. Petrópolis, RJ: vozes, 1996.
- _____. *Análise De Discurso: Princípios e procedimentos*. 7 ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso; estrutura ou acontecimento*. 2 ed. São Paulo: Pontes, 1997.
- ROBIN, R. *História e linguística*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- SANTIAGO, S. *Uma história de família*. 3.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.
- TEIXEIRA, M. *Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso*. 2.ed. Porto alegre: EDIPUCRS, 2005.